

**A Arte do Encontro e as Paisagens Afetivas – poéticas das experiências[[1]](#footnote-1)**

Luíza Câmara Maretto[[2]](#footnote-2)

##### GT 7 - Cinema, análises fílmicas e o mundo rural: instrumentos de conhecimento e potencialidades.

**RESUMO**

Narrativas e(m) imagens (que) incorporam - que procuram incorporar, ao narrar. Para um encontro com o campo e suas temáticas: as artes, a sensibilidade, e as poéticas narrativas ou narrativas poéticas do cinema podem ser colocadas como ferramenta, estratégia, forma. Um *como* provocar relações com os acontecimentos dos mundos rurais e produzir conhecimento com. Através do sensível imagético, o cinema. Através do afeto que a arte inspira. Assim, no presente texto, um exercíco de narrativas escritas em relação e (a)atravessia que incorporam memórias e histórias que se entrelaçam, relações afetivas que se estabelecem com as imagens audiovisuais, cartografias. Possíveis cenas vivenciadas com as imagens e sons são imaginadas. Pesquisa imagética e paisagens afetivas percorridas, imaginadas.

Palavras-chave: cinema, poéticas, campo, afetos

**INTRODUÇÃO**

Escritas para pesquisas de um possível roteiro cartográfico. Argumentos. Escaletas. Dramaturgias.

Experimentando a arte dos *encontros*, permito-me a escrever na tentativa de incorporá-los e buscar estabelecer um ritmo através da escrita, para eles. Um ritmo que possa os entrelaçar: através dos encontros entre as palavras-imagens, dramaturgias. Paisagens afetivas vividas em diferentes linhas e dimensões. Tentativa de registro do caminho vivido com o curso “o campo a partir do cinema”, um texto-semente-cultivo. Assim, um formato ainda em construção de escrita, um ensaio pesquisa para um possível roteiro cartográfico, de imagens em movimento. Um argumento, uma escaleta? Para um roteiro audiovisual existir, ele pode atravessar por diferentes processos de escrita, e criar percursos imagéticos.

No site chamado de “Tertúlia Narrativa”[[3]](#footnote-3) lemos no glossário a seguinte definição:“Argumento: A narrativa de um roteiro contada de forma textual e literal. Documento que se destina a informar a narrativa ou história que será descrita no roteiro.”.

Ainda sobre essas ferramentas escritas da criação audiovisual, no mesmo site, lemos sobre o que chamam de “escaleta”:

“Enquanto o argumento conta O QUE, a escaleta conta COMO. (...) **A escaleta é um instrumento de visualização do roteiro em seu conjunto, uma espécie de plano de vôo detalhado, cena a cena. A palavra lembra ‘esqueleto’, e é mais ou menos disso que se trata: as cenas darão carne e sangue a esse esqueleto, que as manterá articuladas.(...) Esse ‘esqueleto’, entretanto, é temporal, e isso é crucial.**

**Trata-se de planejar o “andamento” da narrativa, e o sentido musical do termo é inspirador para o roteirista. (...)**

**A escaleta não tem exatamente um formato padrão**, ela prove uma demonstração de como a história irá se devolver, **através de cenas ou sequências.** Então, o habitual é incluir um cabeçalho e uma breve descrição de cena.

O importante é que a escaleta funcione como uma ferramenta de trabalho, auxiliando na escrita do roteiro efetivamente. **Uma escaleta bem escrita, ajuda a visualizar importância de cada cena, seu ritmo, qual sua função dentro da macro estrutura**, definir o arco dramático dos personagens e subtramas. Já na escrita da escaleta é comum trabalhar com algumas perguntas na hora de montar a estrutura: Qual a importância dessa cena? O que ela revela?; Quem deve estar na cena? Essa cena seria mais potente ou alteraria a história se estivesse em outro local?; Que cena a antecede e que cena a sucede?” (TERTÚLIA NARRATIVA, 2017, grifo nosso)

Assim, através dessa inspiração de formatos e maneiras de escrever audiovisuais, experimentar um *como*. Sigo para uma escrita em mistura de argumento-escaleta-roteiro, de uma cartografia pesquisa farejada da arte dos encontros, das paisagens afetivas, das poéticas das experiências vividas e narradas, além de um registro de vozes e referências de escritorxs sobre os temas com “Paisagens Afetivas e/ou imagens audiovisuais” e outras marcações entrelaçadas. Um caderno de anotações e(m) processos criativos, para possíveis caminhos de encontro com os mundos do campo, das vidas do campo. Seguem as cenas de pesquisa para um argumento, uma escaleta, um roteiro, narrativas e(m) relações...

**DESENVOLVIMENTO**

Cenas de encontros – através do cinema, imagens SENTIDAS/NARRADAS

*Mulheres nuas estão tecendo redes, fio a fio, sentadas no chão. O senhor, quase sem nenhuma roupa, levanta de sua rede. Tem colares pendurados em seu corpo, atravessados em seu tronco. Penas vermelhas amarradas em seus dois braços. Uma flauta grande ele segura e outras ferramentas sonoras estão presas em uma de suas coxas. Talvez sementes. O senhor levanta, toca a flauta e dança. Sozinho. A música se faz... Escutamos... Também escutamos a voz de um narrador, que não está ali, em imagem, apenas em som: diz imaginar uma aldeia com 30 ou mais flautistas como este que não estão mais ali, vivos, e diz que terá “saudades do que não será mais”.*

*Logo depois vemos uma mãe e sua criança, chamadas de “indígenas”. A criança está próxima da mãe, toca seu rosto, parece brincar com ela. Sorriem. O narrador conta uma história de luto vivenciado por essas pessoas. Depois, um canto é escutado ao fundo. A imagem continua ali, com a criança e sua mãe, um tempo, e então muda. Foca-se em um rosto, o de quem canta. Um canto numa língua que não reconheço os códigos e significados, mas algo me faz sentir. Um homem canta, deitado em sua rede. Ele usa um brinco vermelho e colares em seu pescoço. Algo em sua cabeça que seguram penas. O homem canta em ritmos que a respiração flui quase sem paragem, um som ligado a outro, entoado. Um som nasal...sai de onde? Vem de onde esse som? Leva pra onde? A imagem se amplia, vemos que uma mulher branca está segurando um microfone e ela tem um sorriso no rosto. Estão ele e ela, sentadxs, juntxs, em uma rede. Ele finaliza o canto e assopra. Assopra em seu entorno, pelo corpo da mulher, no instrumento de gravação. Um sopro, um cuidado, uma proteção, um encanto? Me (re)encanto. Aquela cena ressoa em mim. Fica reverberando como o canto do homem, quase sem paragem, entoado. Um encontro...“estão juntxs na rede, juntinhxs”, eu penso. E sinto. “Sentipenso”, logo lembro. Memória afetiva que vai se associando a outros toques, sentidos mesmo. Paisagens Originárias afetivas que produzem encontros. Ela, ele, vindos de lugares distintos. Ali, na rede, estão se escutando? Parece que sim. Escuta cantada, reencantada. Reencantamento do mundo, dos encontros. Escuta de sopros. Escuta afetiva.*

Narrativa de memória afetiva escrita a partir de cenas do filme “Corumbiara”, de Vicent Carelli, 2009.

[Para o PROCESSO DE CRIAR - (a)travessia da escrita: escrever como narrar em voz alta! Como contar essa história, cheia de imagens. Os sons palavras fazem o percurso. Roteiro de caminhada imagética poética, uma experiência]

*[PAISAGENS AFETIVAS ou/e imagens audiovisuais - Estas “cenas dos encontros” podem ser narradas com a tela escura, ou alguma imagem fixa, com pouco movimento e informações. Uma narrativa talvez com algum som ao fundo. Pouca informação imagética visual. Aqui, o foco é no som, na voz da narrativa, na narração em áudio. Escutas sonoras. O início da criação (é) através do som]*

Cenas de Encontros com IMAGENS que MARCAM, afetivamente

As imagens narradas me marca(ra)m.

Fazendo a brincadeira de lembrar de apenas uma única cena dos vários filmes que assistimos durante o curso “O campo a partir do cinema” (UNB, UFVJM, USP) oferecido virtualmente, desde novembro de 2020 a maio de 2021, ela, esta cena narrada acima é a primeira que me vem à lembrança. Afinal, escrevi certo dia, em outra brincadeira poética: a gente não lembra em linha reta, a gente tece, costura, borda memória, pelo afeto. Essas imagens, então, podem dizer do que me marca(ou) bastante nesse percurso: do *como fazer encontro*, através da arte, que meu caminho me chama para dizer e fazer. Como encontrar com a Terra e suas histórias? Como nos aproximar de tantas histórias do campo, muitas de desencantamento do mundo, violências e destruições? E também outras tantas de lutas, relações dialogadas e em construção...? Nessa caminhada em aprendizado, *o cinema e a roda de diálogo surgem*. Num processo que é de cartografia da caminhada, do compartilhar durante e em *caminhada de encontros*, que os aprendizados surgem, afetivamente. Digo e continuo (com)fabulando, em diferentes paragens, mais ou menos assim: pela sensibilidade que a arte provoca, de uma linguagem que toca e produz outros sentidos, os encontros se fazem. Outros e diferentes territórios para tocar e trocar. Esse *como*, em caminhada de escuta sensível e crítica, de encontros-afetos.

Assim...

É do *como encontrar*, então, que me interessa aqui prestar uma cuidadosa atenção. Encontros que produzem outras formas de encontrar, (re)criação de relação afetiva, que mobiliza, mexe, movimenta. A arte do encontro com paisagens. Paisagens Originárias de se relacionar entre gente, gente e bicho, gente e planta, planta e bicho, terra e... por aí vai. Aquilo que ainda sustenta o mundo. Através do encanto. Através do canto, conto. Através do cinema. Através da arte. Das poéticas das experiências. A troca, o encontro afetivo. Das histórias sensivelmente compartilhadas... reconheço outros mundos, outros mundos me reconhecem.

Reconhecemos. Relacionamo-nos? Aprendemos a (nos) escutar, afetivamente.

[Para o PROCESSO DE CRIAR - Redundância? Repetição para a produção de camadas diversas das palavras e sentidos que (não) cabem nas palavras]

*[PAISAGENS AFETIVAS ou/e imagens audiovisuais- Pouca ou nenhuma imagem visual fica presente. Um ponto, um pequeno ponto pode ser visto? Paisagens sonoras guiam nessa passagem, nesses encontros. As marcas sonoras vão se fazendo vistas. E, devagar, as marcas visuais vão surgindo. Aos poucos. Pontos, formas geométricas, linhas, animações...início desse encontro áudio e visual]*

E nesse *como*, *o quê* e *quais* histórias são vistas e compartilhadas? Narrativas que não escutamos por aí, na maioria das mídias, são trazidas para o percurso do curso. Muitas imagens são produzidas para o consumo e deixadas na vista para serem modelos de uma subjetividade hegemônica. Um modo de viver colocado no mercado para a manutenção deste, e da subjetividade como recurso, que pode ser usado, explorado, abusado. Monocultura das vivências subjetivas dos seres vivos e do nosso Planeta. Assim, nesta caminhada que vivemos durante este curso, pudemos nos encontrar com diferentes imagens e produções que contam histórias e estórias nem sempre vistas, narrativas muitas vezes não ditas e escutadas. Acompanhamos, então, narrativas (d)e outras formas de viver, diversas. *Pluriversas.*

Uma cartografia afetiva do campo através das imagens, sons e movimentos do cinema fizemos.

Alguns percursos imagéticos possíveis, então, aqui narrados...

Pudemos vivenciar essa vida no campo, em preto e branco e olhares, nas “Vinhas da Ira” (1940, John Ford). Sentir o movimento de um povo, da construção de seres e sentidos coletivos, mesmo em outro país, que não vindas do nosso de convívio brasileiro. Ainda na América, mas no Norte. Conectar-nos com as lutas e vivências com a terra de outras terras, quem sabe semelhantes histórias de desagrego vividas, do e pelo “povo”, que é coletivo. Como disse mesmo a personagem da “mãe” em sua fala final: o povo é aquele que vive e reexiste através dos tempos. Os retirantes do “Grito da Terra” (1964, Olney São Paulo) filmado em Feira de Santana, na Bahia (Brasil) também estão em luta pela terra. Povo que luta e resiste. Tanto o preto e branco das imagens destes dois filmes nos conectam, quanto o que atravessam em seu cotidiano: a força esmagadora do latifúndio, as relações de opressões no campo e a saída de seus sítios, sem condições de plantar, colher, cultivar. “Desagrego, êxodo e modernização”, anuncia o percurso destes e mais outros filmes que contam esta passagem de relação violentada com a terra, de deslocamentos forçados e construções de cidades e novas organizações coletivas. Continuamos nossa caminhada nos envolvendo com personagens da “Luta pela terra”: “Chico Mendes: eu quero viver” (1989, Adrien Cowen, Vicente Rios), “Zé Pureza” (2006, Marcelo Ernadez) marcam a história com suas histórias de vida oferecida para a terra, para uma possível transformação. Com “O sonho de Rose (10 anos depois)” (2000, Tetê Moraes) escutamos sonhos e desejos de (re)ocupação da terra, de organização coletiva, também do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST. Acompanhamos esses sonhos de Rose e de tantas outras mulheres, homens, crianças... Sonhos construídos durante anos, mortes e caminhadas de assentamentos. “Confins, cantos e culturas” nos levaram às “Viagens do vento” (2009, Ciro Guerra), escutando os sons que envolvem diferentes territórios do campo e seus modos de viver. O tocador de acordeon pode fazer um pacto com o diabo para tocar bem, como também o tocador de viola no Brasil. Cantos de povos de lugares, diferentes em suas culturas, que se encontram, novamente, no campo. E no canto. Artes que (se) encontram. Territorialidades vividas em cada canto e cultura, de (re)criação de liberdades. Reconhecimento de histórias em comum. Na América Latina, dessa vez, como surge no exemplo deste filme das viagens de música e vento. Memórias culturais compartilhadas, tanto de origem quanto de opressões e lutas. Ou, ainda, cantos que atravessam os trabalhos do campo, vistos pelo interior do Brasil em “Cantos de trabalho” (1974- 1976, Leon Hisziman) ou nos campos de Portugal, em “Ainda há pastores” (2006, Jorge Pelicano). Trabalhos e cantos que ainda existem, talvez em resistência às modernizações e expansões das cidades. Ou em tentativa de construir relações com este movimento. “Chuva é cantoria na aldeia dos mortos” (2018, Renée Messora e João Salaviza) nos faz imergir em formas de sentir e pensar indígenas, e nos seus mundos sonhados e cotidianos, muitas vezes, entrelaçados, vividos ao mesmo tempo, reconhecidos como parte, um do outro. Encontros culturais nos envolvem nestas imagens e sons, de olhar e escuta. Em “Corumbiara” (2009, Vicent Carelli), encontros antropológicos que fazem sentir pelo contato físico a diferença, o olhar estrangeiro, o (en)canto. Também os desencontros inter étnicos: indígenas lutando para/pela a ocupação enraizada e legítima de suas terras. Originárias relações com a terra e outras tantas histórias de grandes violências entre seres humanos e um tipo de desenvolvimento que rasga a terra e os vínculos com ela: colonização, exploração... Assim, territórios e territorialidades buscando a liberdade, as suas lutas e (re)existências são sentidos no Mato Grosso, em “Martírio” ( 2016, Vicente Carelli e Tatiana Almeida), no Ceará em “O caldeirão de Santa Cruz do Deserto” (1987, Rosemberg Cariry), na Bahia com o “Tupinambá: o Retorno da Terra” ( 2015, Daniela Fernandes Alarcon), nas viagens pelo Maranhão, Rio Grande do Sul e Goiás, reconhecendo “Terra de Quilombos: espaços de liberdade” ( 2002, Renato Barbieri), e no Mato Grosso do Sul, escutando as expressões, preconceitos, embates e reconstruções dos ditos e não ditos “Do bugre ao terena” (2013, Aline Espíndola e Cristiano Navarro). Neste último filme, imagens de coisas antigas como a terra sentida nas mãos do velho indígena terena, e de coisas novas como estarem nas casas dentro da cidade. Além desses lugares, até para a Sibéria nos deslocamos, nas paisagens do Taiga para nos questionar “quem é o povo feliz”? (“O Povo feliz: um ano no taiga” – 2010, Werner Herzog e Dmitry Vasyuokov). Povos que vivem em (re)encontros de culturas diversas e relações mais próximas com a natureza, em novos velhos movimentos colonizadores de territórios. Quais relações estabelecem? Como se estabelecem? Quais culturas, quais povos? Povos que esta(va)m ali, povos que chegam...povos que se encontram, chegadas, partidas, tempos e gerações... relações com a terra... (des)encontros. Como acompanhar essas complexas e profundas (a)travessias afetivas, políticas e históricas entre Dersu Uzala e seu amigo capitão, no filme soviético-japonês de Akira Kurosawa ( “Dersu Uzala”, 1975).

Chegamos juntxs ao processo de transição: “Da terra à natureza à sustentabilidade”. Como e quais paisagens percorrer? Para onde caminhar? *Horizontes amazônicos* nos deixam na vista a busca por paisagens originárias de relações entre os seres, construções coletivas, afetivas, *entre*. A floresta sinaliza o caminho, o passado que é futuro e atravessa nosso presente, como guia. “Nas cinzas da floresta” (1990, Adrien Cowell) a destruição é escancarada: por quês, quem, motivos e nomeações históricas de uma lógica de desenvolvimento. Modelos de cadeias produtivas mortíferas. Queimadas e cinzas. Possível compostagem com elas? “Os guardiões da floresta” (2019, Jocy Guajajara e Milson Guajajara) colocam na vista formas de proteger onde e como vivem. Contam o que fazem para guardar na vista culturas que se relacionam com a floresta produzindo e mantendo a vida. As “Arpilleras: atingidas por barragens bordando a resistência” (2017, Adriane Canan) cantam estratégias de luta que são coletivas e colocam as mulheres em foco. Quem sabe para afirmarmos transformações Ecofeministas. Capitalismo, patriarcado e machismo calam as vozes da Terra e das mulheres. Expressar e lutar: imagens que mostram crimes ambientais e processos de transformações, entrelaçados afetivamente. “Cruzando o deserto verde” (2002, Ricardo Sá) nos faz atravessar motivações capitalistas e de desertificação. Conhecemos os nomes de paradigmas, podemos saber quem faz, como faz, quais caminhos percorrem. “Campo & sustentabilidade” (2019, Sérgio Lopez) trazem questões ingênuas? Quais discursos são mais ditos para uma transição do campo para o que chamam de sustentabilidade? Quem e o que chamamos, quais narrativas são colocadas na vista e vividas? Por quem e por quais interesses? É possível estabelecer contato, relações entre diferentes perspectivas? É possível dialogar? Assim, como finalizar essa caminhada afetiva e de envolvimento com o campo, com a terra, com nós mesmxs em relação? “Pense global, aja rural” (2010, Coline Serreau) é a última proposição. Quais construções são realizadas em territórios locais, para desenvolvimentos regionais em busca de relações horizontais? Horizontes de florestas, jardins, quintais, cultivos. Paisagens “nação”? Paisagens diversas em contextos singulares que produzem mais diferença. Cultivo de diversidade.

Presentes de poéticas através das experiências. “Cora Coralina – Todas as Vidas”(2015, Renato Barbieri) é oferecido ao final. Dentre tantos outros afetos em poesia. Escutamos Cora Coralina e sua (a)travessia de presença na vida: simplicidade de cultivo em moradias e mudanças, diferentes paragens locais pelo Brasil, cultivando casa, transformações e poesia.

Assim, narrativas em (a)atravessia que incorporam memórias que se entrelaçam, relações afetivas que se estabelecem, cartografias. Contando, escutando, imaginando, compartilhando histórias, recriando vínculos e encontros. Narrativas vivenciais, através da arte, não necessariamente representacionais. Sentidos. *Sentir com*. Imagens e sons em uma (a)travessia de relação mais íntima e afetiva com o campo, seus territórios, territorialidades. Escutar, da forma mais ampla que a escuta tem – ver, cheirar, tocar para podermos *estar com* estas diferentes realidades, sentidos e imaginações. Por que não, *sentipensar com a terra*?

Cada processo movimenta à um fazer. Cada modo de fazer conduz ao que será feito. Cada formato, possíveis criações. O como fazer entrelaça o que, e vice versa. Poéticas das experiências vividas pelo audiovisual, durante: imagens que guiam e que vão surgindo. Assim, numa sequência não linear, abaixo mais uma brincadeira de experimentação de encontros entre imagens e palavras, encenas para registros e produção de marcas (de passado e futuro, presentes). Algumas “cenas de encontros” através de leituras textuais e paisagens afetivas, sem pretensões de formatos, apenas alimentos-sementes para possíveis dramaturgias teórico vivenciais. Uma cartografia de imagens fundo e base a percorrer. Palavras de diferentes escritorxs em colagens para uma leitura em paisagens. A cada encontro, cenas imaginadas, escritas minhas e textos de autorxs.

Cenas de Encontros com as ECOLOGIAS – RELAÇÕES e produções com/de DIFERENÇAS

*[PAISAGENS AFETIVAS e/ou imagens audiovisuais - Aqui, o ser humano é entrelaçado com o meio em que vive. Aqui, os territórios existenciais são sensoriais e sentidos com as águas, o pé no chão, o toque entre peles humanas e não humanas. Daqui, existe a relação sexual, de prazer. E a relação reprodutiva. Imagens de reprodução, gestação e nascimento. Morte, compostagem, transformações, renascimentos. Sons dessas imagens aparecem não na mesma ordem que as imagens, se misturam. Sons de prazer com imagens de morte. Sons de nascimento e gestação. E por aí podem seguir. Processos criativos artísticos são imagens, aqui. Destruições e cultivos, também. Imagens sensoriais e muitas vezes abstratas. Serpentes são vistas. No chão e emplumadas. A terra, os ares, o fogo, as águas...]*

Relações que se (re)criam. Relações ecológicas afetivas e criativas. Encontros com textos que traçam relações com as diferenças. Trechos abaixo retirado de “As três ecologias” (2012), de Félix Guattari, inspiram:

(...) ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (GUATTARI, 2012, p.8)

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. **Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo**. (GUATTARI, 2012, p. 9, grifo nosso.)

**É a relação da subjetividade com sua exterioridade** – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e comportamentos.(GUATTARI, 2012, p. 8)

O que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas **para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas**. (GUATTARI, 2012, p.18, grifo nosso)

A sensibilidade ocupa a casa da subjetividade. Ou as subjetividades ocupam a casa da sensibilidade. Casas que (se) visitam. Moradias temporárias e cultivadas. Podemos acompanhar, cartografar territórios existenciais diversos através do sensível, entrelaçados com os territórios físicos, geográficos. Repensar e sentir, ontologias relacionais. *Pluriversas.*

Abaixo, trechos sobre essas Ontologias relacionais e Estudos do pluriverso lidas em “Sentipensar com la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia.” (2013), de Arturo Escobar, que invocam saberes vindos de diferentes bases, não somente da academia.

**En última instancia, todos los campos de estudio en cuestión se refieren a luchas vitales por la multiplicidad de formas que puede tomar la vida** y que, claramente, los rebasa. (...) Aunque apoyándose en las tradiciones y tendencias críticas de la academia, (...); **quizás con aquellos humanos y no humanos —con los sueños la Tierra, de los pueblos y de los movimientos— que, desde una relacionalidad profunda, insisten contra viento y marea en imaginar y entretejer otros mundos**. (...) **pistas para este proyecto, necesariamente colectivo.** (ESCOBAR, 2013, p. 21 e 22, grifo nosso)

**Las ontologías relacionales con frecuencia involucran perspectivas territoriales y comunales**, cual es el caso de muchas comunidades indígenas, afrodescendientes y campesinas. (...) Lo que está en juego, en otras palabras, es la existencia continuada del pluriverso, el cual los zapatista explican como **“un mundo en que quepan muchos mundos**”. (ESCOBAR, 2013, p. 59, grifo nosso)

En otras palabras, *todos/as vivimos y todo vive en el pluriverso*. Esta aseveración **no puede ser “demostrada” desde la teoría**, al menos sin caer en una nueva forma de realismo epistemológico, **sino que más bien se deriva de la experiência** o, si se quiere, de una **posición ético-política** que no puede ser demostrada. **Adentrarse en el campo de la relacionalidad —comenzar a vivir con la inspiración profunda que evoca y transformar nuestras prácticas y espacios cotidianos de acuerdo a dicha inspiración— no es fácil.** **En certa forma requiere una reconversión ontológica**. Parte de este proceso requerirá, por lo menos, de una verdadera y perpetua invención de nuevas prácticas, incluso mediante instrumentos como las tecnologías digitales; **parte surgirá de abrirse con atención a aquellos grupos y formas de pensar que han mantenido vivas las formas relacionales de existir**. (ESCOBAR, 2013, p. 60, grifo nosso)

*Transições* ecológicas-ontológicas de produção da diferença e relações com a Terra. Povos originários, afrodescendentes e camponesas trazem outras formas e modos de viver em contraposição ao modelo econômico político capitalista e extrativista. Para isso, outras narrativas vão sendo construídas e outras formas de escutar também. Narrativas que podem ser incorporadas, em (produção de) transição. Narrativas que são corpo, palavra discurso que é vida. Dizer que é viver. Através do afeto e relações afetivas, de encontro. Uma revolução cultural. Diferentes narrativas sensivelmente vividas, diferentes subjetividades, diferentes ontologias. Em transição e coexistências entre os seres (humanos, não humanos...). Para isso...

Cenas de Encontros com *SENTIPENSAR com la Tierra*

*[PAISAGENS AFETIVAS e/ou imagens audiovisuais - Nestas cenas, encontramos com pescadores que lembram sentipensadorxs. Vemos seres humanos plantando, agricultorxs arando a terra, escolhendo as sementes, aguando as plantas, colhendo e comendo. Vemos indígenas em suas atividades cotidianas, vemos povos em roda, vivendo coletivamente, e imagens da vida em quilombos, re existindo. Vemos e escutamos mulheres, elas estão em ênfase, foco, aqui, nesta transição, em sentipensar con la tierra. Vemos lutas coletivas, encontros de movimentos sociais, atos políticos sócio ambientais]*

Vivenciar essa transição ontológica. *Sentipensar*... (me) dizem os autores Eduardo Galeano e Arturo Escobar. Através desse encontro com histórias de violências e de “desenvolvimentos” que rasgam a terra... sentir diversas outras histórias vivenciadas por tantos seres, humanos e não humanos, por nós mesmos (as)... e ter a consciência política, crítica e sensível. *Sentipensar*. “Sentipensar com la tierra”.

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade. (GALEANO, 2002)

Celebração de bodas da razão com o coração

Gosto das pessoas sentipensantes, que não separam a razão do coração. Que sentem e pensam ao mesmo tempo. Sem divorciar a cabeça do corpo, nem a emoção da razão. (GALEANO, 2002)

A sensibilidade para transformar uma racionalidade fria e abstrata. “Estética e arte se relacionam com a faculdade do ser humano de sentir, ou seja, de convocar a alma como guia da ação no mundo. ‘O pensamento sensível é necessário e insubstituível tanto para entendermos as guerras quanto o sorriso de uma criança.’ (BOAL, 2009, p.19).” (MARETTO, DOMINGUES, 2018, p. 41). A arte como ferramenta e canal de produção de encontros e alianças.

A função da arte/1 - Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: -Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2006, p. 15)

Cenas de Encontros comALIANÇAS AFETIVAS

*Alianças Afetivas* que se criam para produção de encontros. Reencantamento que produz encontros. Encontros que produzem reencantamentos.

*[PAISAGENS AFETIVAS e/ou imagens audiovisuais - Aqui, escutamos sorrisos, brincadeiras. Escutamos choros compartilhados. Aqui escutamos cantorias e danças. Vemos danças em roda, danças em diferentes lugares. Rodas, muitas rodas de gente conversando, comendo, refletindo... vemos seres humanos cuidando de seres humanos. Seres humanos cuidando de animais e plantas. Vemos animais cuidando de seres humanos. Encontros entre cidade e campo, diferentes coletividades. Carinhos. Rodas, círculos, toques, sons... sons circulares, cantos entoados, ressoando, quase sem paragem...vazios, produções de vazios imagéticos e sonoros. Silêncios entre áudios e imagens. Observação de uma imagem só, durante um tempo prolongado, estendido, dilatado. Encontros entre águas. Águas percorrendo. Subida e descida da maré. Acompanhamos a imagem da maré que “sobe”, ou/e da maré que “desce”. Do rio que percorre um extenso percurso e só depois, desagua. Ciclos das águas, acompanhamos os ciclos das águas. Uma chuva que começa com os sons, e depois com as águas]*

Em texto chamado de “Alianças Afetivas” (2016) contendo uma entrevista com Ailton Krenak, podemos aprender passagens sentidas, possibilidades e aberturas.

A natureza da paisagem é a pluralidade, a diversidade, é a sucessão. As paisagens se sucedem, ou então não são paisagens. Quando a gente acaba com todas as paisagens da Terra, nós entramos em coma. **Então, aquela ideia de dilatar o tempo... dilatar o tempo é não deixar isso acontecer. Cantar e dançar para suspender o céu, que é uma experiência comum a muitos povos no planeta inteiro, é dilatar o tempo. Quando você canta e dança e suspende o céu, você está dilatando o tempo**. É quando se dilata o tempo, porque se não acontecer essa dilatação do tempo, só haverá relações de usuários.

(...) **o estabelecimento de afetos que não busquem um objetivo imediato, que** **possam prosperar e constituir um ambiente criativo, de invenção, de criação no sentido mais prazeroso, em que os afetos são espontâneos**. Em que o tempo, a ideia do tempo seja determinante para o espaço, uma espécie de dilatação do tempo. **Dilatar esse tempo ordinário das nossas relações e possibilitar a criação de vazios para as visões**, **para os sentimentos das pessoas, para as elaborações que um coletivo pode ter sobre aquilo que é o sonho**. Aquilo que é sonho (...). Quando você tem uma experiência de dilatação do tempo, começa a pensar em períodos muito mais abertos.(...) Não é uma visão total, ela é uma visão aberta.

E entre fugas e tentativas de contato, tentativas de troca, de aproximação, fui construindo algumas ideias sobre alianças. (...) Eu andei um pouco nessa experimentação até que consegui avançar para uma ideia de alianças afetivas – em que a troca não supõe só interesses imediatos. **Supõe continuar com a possibilidade de trânsito no meio das outras comunidades culturais ou políticas, nas quais você pode oferecer algo seu que tenha valor de troca. E esse valor de troca supõe continuidade de relações. É a construção de uma ideia de que seu vizinho é para sempre**. (KRENAK, 2016, p.2 e 3, grifo nosso)

Para produzir vínculos, afetos, histórias e imagens compartilhadas e sentidas, incertezas compartilhadas, movimentos e transformações constantes.

**Imprimir no corpo e, a partir daquela impressão, da adoção daquela imagem que está no seu corpo, você passa a ter trânsito com todos eles.** Você pode andar no meio deles, cantar junto com eles, dançar com eles, chamar para vir dançar junto com você, porque eles vão se reconhecer. (...)

O desafio que eu tive que encarar foi o de admitir a existência de inumeráveis mundos que circundam, que se articulam e que se comunicam com o mundo em que eu transito. **As possibilidades de aliança não se dão só no plano das relações sociopolíticas**, no plano das ideias, no que é possível estabelecer de colaboração entre uma nação e outra, entre uma sociedade e outra. **Quando eu vou a um riacho, a uma fonte, a uma nascente e sinto beleza e fico comovido com a água que está naquela fonte, naquela nascente, eu estabeleço uma relação com ela, converso com ela, eu me lavo nela, bebo aquela água e crio uma comunicação com aquela entidade água que, para mim, é uma dádiva maravilhosa, que me conecta com outras possibilidades de relação com as pedras, com as montanhas, com as florestas**.” (KRENAK, 2016, p.3, grifo nosso)

**CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU CONCLUSÕES)**

Experimentação vivida e propositiva: conversar com as imagens e sons, as paisagens audiovisuais através/com d/as narrativas. Criar novas/velhas cenas e paisagens que produzem outras tantas relações. Mais do que fechar, abrir para encontros, poéticas, produzir relações com o cinema, as leituras, o campo, os mundos rurais tão diversos. As relações com os mundos tão diferentes. Paisagens que afetam e que produzem outras tantos afetos. E, assim, escutar, poder encontrar, vivenciar, aprender som.

[PAISAGENS AFETIVAS e/ou imagens audiovisuais – ...os sons das águas vão ficando mais fortes. Sons são escutados. Cantos de diferentes línguas e culturas. Línguas diversas faladas. Conversas. Imagens de travessias em janelas, portas, corredores, passagens, estradas, caminhos...caminhos vividos com, entre... pontos, linhas, retomadas de formas já trazidas antes... Cantos de águas, passos, pássaros. Sons de água, fogo, bicho, gente... ou o que surgir em uma caminhada de escuta por uma floresta, um campo, uma caminhada... imagens e sons abertos...quais sentidos surgem? Quais são possíveis após essa (a)travessia? Imagem em branco, silêncio]

**REFERÊNCIAS**

BELINASO, Leandro. CODES, David de. (org.) Na Pele do Mundo. Florianópolis : Casatrês , 2020. Recurso digital : 223 p.

CESARINO, Pedro. *As alianças afetivas, entrevista com Ailton Krenak*. 2016. Vista da instalação na 32ª Bienal. Bené Fonteles, Agora: OcaTaperaTerreiro, 2016.

DOMINGUES, Laís. A flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. 184 p.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GANZAROLLI M, D.; SAMPAIO, S. (2021). Sentipensar uma pesquisa em educação ambiental com a literatura de Eduardo Galeano. *Revista Interdisciplinar Sulear*, (9), 50–66. Recuperado de <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/5278>

GUATTARI, Félix. As três ecologias. 21 edição. Campinas: Papirus, 2012

MARETTO, Luiza. DOMINGUES, Renata. (org.) *Cineclube Saúde e Cultura do Campo: encontros entre cultura, política, arte e saúde.*Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

SELVAGEM CICLOS DE ESTUDOS. “Flecha 1 - 0 A serpente e a Canoa”. Youtube, 11 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>

TERTÚLIA NARRATIVA. Glossário de cinema. 2017. Disponível em: <https://www.tertulianarrativa.com/glossarioroteirodecinema>

1. “Poéticas da experiência” veio como inspiração/dispositivo a partir do Grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG (linha Pragmáticas da Imagem), divulgado através do site – [www.poeticasdaexperiencia.org](http://www.poeticasdaexperiencia.org) e com propostas de trabalho de curadoria de cinema como [Histórias do (não) ver – Poéticas da Experiência (poeticasdaexperiencia.org)](https://www.poeticasdaexperiencia.org/2020/08/historias-do-nao-ver/). [↑](#footnote-ref-1)
2. Centro Universitário Municipal de Franca - SP, [lumaretto2@gmail.com](mailto:lumaretto2@gmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Site citado com produções de narrativas audiovisuais - <https://www.tertulianarrativa.com/> [↑](#footnote-ref-3)